

## **Narrar e dar lugar ao que pulsa**

### **Apresentação do Dossiê 30**

#### **Narrar: gesto metodológico e indagação epistemológica, volume II**

**Ana Cabral Rodrigues<sup>1</sup>**

**Daniele Caron<sup>2</sup>**

**Flavia de Sousa Araújo<sup>3</sup>**

*Recebido em: 06/07/26*

*Publicado em: 08/07/26*

---

<sup>1</sup> Doutora em Planejamento Urbano e Regional pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Docente no curso de Graduação em Psicologia, campus Volta Redonda, e no Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal Fluminense (UFF). E-mail: [acrodrigues@id.uff.br](mailto:acrodrigues@id.uff.br). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0317-5346>.

<sup>2</sup> Doutora em Urbanismo pela Universitat Politècnica de Catalunya (UPC). Docente na Faculdade de Arquitetura e no Programa de Pós-Graduação em Planejamento Urbano e Regional da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). E-mail: [daniele.caron@ufrgs.br](mailto:daniele.caron@ufrgs.br). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6546-6579>.

<sup>3</sup> Doutora em Planejamento Urbano e Regional pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Docente na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Alagoas (UFAL). E-mail: [flavia.araujo@fau.ufal.br](mailto:flavia.araujo@fau.ufal.br). ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8296-7423>.

**Como citar:**

RODRIGUES, Ana Cabral; CARON, Daniele; ARAÚJO, Flavia de Sousa. Narrar e dar lugar ao que pulsa. *PragMATIZES-Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura*, Niterói/RJ, Ano 16, n. 30, p. 01-06, 2026. DOI: <https://doi.org/10.22409/pragmatizes.v16i30.72140>.



Narrar e dar espessura ao tempo. Dizê-lo. Dizer-se nele.

Reconhecer na fala, no gesto, na imagem aquilo que resta: ruína da instância e do instante da experiência. Espiralar o tempo (Martins, 2021).

Dar lugar ao que pulsa na palavra, na letra, no que se calou.

Contar. Contar mais uma vez, e outra ainda. À exaustão do verbo e corpo.

E tomar da narrativa a urgência do que por ela advém no campo da pesquisa como indagação aos modos de fazer, às alianças sustentadas, aos protagonismos reiterados, às centralidades naturalizadas e suas maquinarias de outremização (Morrison, 2017); à própria forma do texto, e à voz que toma lugar nos processos de produção do conhecimento.

Reafirmando o interesse pelas transversalidades disciplinares e a presença de saberes decoloniais, contracoloniais e feministas inescapáveis diante das ruínas do antropoceno (Tsing, 2019), este **segundo volume do Dossiê Narrar: gesto metodológico e indagação epistemológica** dá continuidade a seu movimento de reconhecer na palavra “narrativa” suas forças germinativas (Santos, 2023). Buscamos acompanhar nas perspectivas diversas o esforço conceitual que, para além de um trabalho teórico e filosófico, comparece enlaçado a um compromisso com as forças de resistência, reexistência e de reparação histórica que exigem novos posicionamentos do fazer acadêmico e fôlego em sua (auto) criticidade.

Na perspectiva da proposta que inaugurou este Dossiê apontamos a importância da insistência nos exercícios criativos, fabulatórios e experimentais na escrita. Esses que não abrem mão nem do risco intrínseco ao que é experimental, nem do rigor de um conhecimento que se sustenta no que é compartilhável e passível de ser questionado; nem tampouco de que as feitura, os processos e os percursos constituídos com outras autorias nas diversas dimensões do pesquisar – companheiras e companheiros na produção do conhecimento – tornem-se texto e proposição estético-política. Isto é, tornem-se grafia e rastro em prol de uma transmissão, de um fazer ciência capaz de sustentar presenças. Em prol de que, ainda que tarde, a academia se reconheça e se responsabilize em se colocar a escutar aquilo que nunca esteve ausente (Ribeiro, 2017).

Entendemos que a narrativa como problemática e estratégia metodológica convoca, nesta chamada, o interesse de reconhecer gestos, dispositivos, ferramentas e



suportes capazes de operar a partir das co-emergências (Caron, Cabral, 2024) de saberes e modos de sustentar mundos. Reconhecê-las. Recolhê-las. Tomar as co-emergências como signo de uma autorização compartilhada das pessoas que deixam de ser reiterada e historicamente tomadas como folclóricas e passam a ser reconhecidas como sujeitos que são (González, 1982): políticos, culturais, do conhecimento. Assim, a presença da narrativa alia-se a uma aposta pelas co-emergências, operando junto aos movimentos de descentramento e de partilha da margem em sua potência epistêmica para interrogar o presente e o porvir.

Em nosso primeiro volume, iniciamos um caminho pelas narrativas compartilhadas desde perspectivas anticapacitistas na formação de um mundo comum e heterogêneo; passando, posteriormente, pela força da oralitura nos corpos femininos negros em disputas urbanas (Martins, 2021). Também nos aproximamos das estratégias de contação de histórias como interrupção de violências sobre os corpos das mulheres; e, em outro movimento, foram as construções de histórias conjuntas, por montagens, mapas e gestos brincantes junto às infâncias que evidenciaram o lugar da narrativa na luta pela garantia de direitos.

Guardar e contar dão seguimento aos caminhos do primeiro volume que ganha um escopo poético no ato de inventariar e constituir uma memória compartilhada; assim também as memórias narradas criam as bases para as intervenções sociais no campo da sexualidade, da saúde reprodutiva e do gênero envolvendo as masculinidades. Por fim, ainda no âmbito das memórias e da pluralidade de narrativas que reiteradamente têm sido desautorizadas, nos encontramos com uma aposta radical da escuta e da dignidade da palavra; e encerramos o volume anterior com um último texto que se debruça sobre suas forças ficcionais junto aos movimentos de um bordado capaz de nos fazer tocar os avessos da escrita acadêmica acompanhando éticas e estéticas de narrativas e contranarrativas de artistas, coletivos e experiências situadas. Artivismos que são contrafeitiços (Araújo *et al*, 2024; Rêgo, Gueiros, Araújo, 2025), rompem com o quebranto do feitiço do capitalismo sobre os corpos (Stengers, Pignarre, 2011 *apud* Tsing, 2022). E são acionados particularmente, por corpos dissidentes (Gorini, 2019), que escapam da cisheteronormatividade.

Se encerramos o volume anterior tocando o avesso do texto e o lugar da pesquisa na constituição das histórias que estão sendo narradas, aqui, abrimos o caminho de



leitura a partir da narrativa como uma artesanaria onde mão e voz intervêm na construção das ligações entre a experiência transmitida, vivida, ouvida, recontada, para além e aquém de qualquer individualidade, construindo borramentos entre o interno e o externo, entre vida e escrita.

Assim, no artigo de Stallone Abrantes e Gabriel Mendes, a narrativa é apresentada como uma abertura, um elemento mediador ou, ainda, uma palavra-ferramenta que comparece com força num campo de sentidos compartilhados e que nos diz de um movimento tão trivial quanto necessário: operar uma passagem. Em **Janelas a produzir Histórias: narrativas e gestos no contemporâneo** a leitura caminha junto a fios narrativos construindo o entendimento de que narrar é também uma forma de existir e refletir sobre o mundo. Uma ética – pode-se dizer – que recai sobre o próprio ofício da pesquisa articulando imagem, gesto e o contemporâneo, e que aponta para a intensidade e a plasticidade das experiências humanas quando acompanha uma vida que ressoa no tempo para além de si próprio.

É a vida narrada das mulheres quilombolas que toma lugar diante das políticas urbanas mercantilistas e extrativistas. Elas são apresentadas no estudo **Notas sobre planejamento urbano, trabalho quilombista, e planos territoriais geridos por mulheres quilombolas em Porto Alegre/RS**. Fruto de tese desenvolvida em diálogo com diversos quilombos urbanos da capital gaúcha, a autora Lara Machado Bitencourt, apresenta as estratégias cartográficas utilizadas no reconhecimento de dinâmicas territoriais, acompanhando processos a partir dos quais quilombo e quilombismo se presentificam como forças comunitárias, realidade ontológica e projeto societário.

As relações entre palavra e ação são exploradas por Samira Bueno Chahin no artigo **A dimensão educativa de intervenções urbanas e seus espaços de participação**. A autora aborda o conceito – muitas vezes pouco refletido – de “cidades educadoras” para tocar num elemento indispensável a sua compreensão e problematização: a politicidade inerente à educação. Com isso, o artigo convoca à desnaturalização do planejamento hegemônico no contexto latinoamericano, e o destaca como campo de disputas narrativas, em que a participação popular muitas vezes é restringida pela gestão pública.

Atento à privatização da experiência pelas forças do capitalismo como questão nevrálgica da problemática da narrativa, Rodrigo Isoppo apresenta uma articulação entre



os processos de subjetivação contemporâneos e os territórios urbanos marcados pelas lógicas necropolíticas (Mbembe, 2018). **Da ocupação à retomada: cartografando processos de subjetivação em território urbano**, traz para o centro do debate das políticas urbanas o exercício de um pensamento racializado articulado aos saberes aterrados e práticas cotidianas que interrogam destinos inescapáveis. É o próprio campo da imaginação que se coloca em disputa na produção das cidades para que não sejam uma perpétua maquinaria de violência. A presença do pesquisador junto aos territórios faz do texto um testemunho vivo das lutas dos coletivos negros que ocupam, narram a cidade e encontram instrumentos de sustentação para o direito aos territórios ancestrais.

Encerrando nosso Dossiê, o artigo **Narrativas como arte da experiência dialógica: entre textos verbais e multimodais** Ilsa do Carmo Vieira Goulart aborda a dialogia da transmissão da experiência, evidenciando como o revezamento da palavra operado entre o escrever, contar, escutar e ler mobiliza relações e interações entre sujeitos por meio da linguagem. Reside aí, um entrelaçamento de gestos e lugares que potencializam o lugar da narrativa como conhecimento em permanente movimento, disputa e partilha que atravessa o humano: o ato de contar histórias.

Compreendemos que este novo percurso de leitura em torno da narrativa e de sua aposta como instrumento em recentes pesquisas por diversos campos do conhecimento ofereça novas modulações para que seu crescente uso não venha desacompanhado de uma reflexão sobre suas possibilidades, limites, exigências e aberturas.

## Referências

ARAÚJO, Flavia de Sousa; BORGES, Hilda Marinho Amaral; FERTON, Sefora Emiliano. Cartografando Gérmenes de Florestania: Concepções feministas e ancestrais de futuro para cidades brasileiras. In: Seminário Internacional Fazendo Gênero 13, Florianópolis, 2024. *Anais [...]*, Florianópolis: UFSC, 2024. Disponível em: <<https://www.fg2024.eventos.dype.com.br/anais/trabalhos/lista>>. Acesso em: 25 ago. 2025.

CARON, Daniele; RODRIGUES, Ana Cabral. MARGEAR: Exigências ético-políticas e coemergências metodológicas para pensar com os territórios. *Revista Cidades*, v. 16, n. 26, p. 107–130, 2024. Disponível em: <https://periodicos.uffs.edu.br/index.php/cidades/article/view/14663>. Acesso em: 30 mai. 2026.

GONZALEZ, Lélia. Prefácio. In: *Cadernos Negros Poesia 5*. São Paulo: Edição dos Autores, 1982, p. 03-06.



GORINI, Paula. *Corpos Dissidentes: perspectivas de gênero e sexualidade na construção de um corpo político*. In: XV Enecult: encontro de estudos multidisciplinares em cultura, Salvador, 2019. *Anais [...]*, Salvador: UFBA, 2019. Disponível em: <<http://www.xvenecult.ufba.br/modulos/submissao/Upload-484/111651.pdf>>. Acesso em: 25 ago. 2025.

MARTINS, Leda Maria. *Performances do tempo espiralar: poéticas do corpo-tela*. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021. (Coleção Encruzilhada).

MBEMBE, Achille. *Necropolítica: biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte*. Tradução de Renata Santini. 3. ed. São Paulo: n-1 edições, 2018. 80 p.

MORRISON, Tony. *A origem dos outros: Seis ensaios sobre racismo e literatura*. São Paulo: Companhia das letras, 2019.

RÊGO, Ana Beatriz Passos Rocha do; GUEIROS, Alanna de Melo; ARAÚJO, Flavia de Sousa. *Artes do contra-feitiço: confluências artivistas nas ruas e galerias brasileiras*. In: XXI Enecult: encontro de estudos multidisciplinares em cultura, Salvador, 2025. *Anais [...]*, Salvador: UFBA, 2025. Disponível em: <<https://www.enecult.ufba.br/modulos/submissao/Upload-751/161928.pdf>>. Acesso em: 06 jul. 2026.

RIBEIRO, Djamilia. *O que é lugar de fala?*. Belo Horizonte: Letramento, 2017.

SANTOS, Antônio Bispo dos. *A Terra dá, a terra quer*. São Paulo: Ubu Editora / Piseagrama, 2023.

STENGERS, Isabelle; PIGNARRE, Philippe. *Capitalist sorcery: Breaking the Spell*. Nova York: Palgrave Macmillan, 2011.

TSING, Anna Lowenhaupt. *O cogumelo no fim do mundo: sobre a possibilidade de vida nas ruínas do capitalismo*. São Paulo: n-1 edições, 2022.

TSING, Anna Lowenhaupt. *Viver nas ruínas: paisagens multiespécies no antropoceno*. Brasília: IEB Mil folhas, 2019.